

### APRESENTANDO AS DOCTRINAS DA GRAÇA

HORTON, Michael. *A favor do calvinismo*.  
Reflexão: São Paulo, 2014. 261 p.

por Gabriel Giroto Lauter<sup>1</sup>

Em março de 2014 foi lançado no Brasil o livro *A favor do calvinismo*, escrito pelo teólogo americano Michael Horton e publicado pela editora Reflexão. O autor é presidente da *White Horse Inn*, editor responsável pela revista *Modern Reformation* e professor de Teologia Sistemática e Apologética no *Westminster Seminary California*. O livro conta com um prefácio escrito por Roger Olson. Trata-se de uma interessante parceria entre os dois autores devido ao fato de Olson ser o autor do livro *Contra o calvinismo*, cujo prefácio foi feito por Horton. Isso mostra que é possível desenvolver um debate de alto nível entre calvinismo e arminianismo mantendo-se o respeito mútuo e a comunhão entre irmãos.

Horton introduz sua obra destacando a importância do tema. Ele explica como o calvinismo perdeu sua força durante o período pós-reforma e como voltou a se fortalecer no último século por meio de um movimento que tem sido chamado de “o novo calvinismo”. Embora apresente os clássicos cinco pontos do calvinismo, o autor alerta que seria um erro resumir a doutrina calvinista apenas a estes. Horton esclarece que não gosta do termo “calvinismo”, mas que prefere usar as expressões “doutrinas da graça” ou “posição reformada”.

---

<sup>1</sup>O autor é pastor da Congregação Batista em Santa Barbara do Sul, mestre em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná, professor e Coordenador de Extensão na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [gabriel@batistapioneira.edu.br](mailto:gabriel@batistapioneira.edu.br)

O propósito do primeiro capítulo é introduzir o leitor à essência do calvinismo. Para isso, Horton mostra que o calvinismo não representa uma ruptura com o restante do cristianismo, mas sim uma declaração mais específica sobre determinados temas importantes da fé. É traçado um “mapa” das diferentes posições teológicas, diferenciando o arminianismo do pelagianismo e do semipelagianismo. Horton também explica que as teologias reformada e luterana diferem com relação ao decreto da condenação, mas se unem em defesa do monergismo. Na doutrina arminiana, contudo, a salvação depende da cooperação entre o indivíduo e a graça de Deus.

A partir do segundo capítulo passam a ser apresentados os cinco pontos do calvinismo. Horton inicia pela doutrina popularmente conhecida como depravação total. Ele explica que a teologia reformada não começa com a queda, mas com a boa criação de Deus. A queda foi fruto da própria vontade de Adão. A forma como Deus decretou tudo o que vai acontecer sem infringir na liberdade de suas criaturas constitui um paradoxo bíblico que deve ser aceito. Horton defende que a teologia atual pregada em muitos lugares é influenciada pelo ideal iluminista de que o homem seria capaz de alcançar a perfeição intelectual e moral. Ele mostra também como a mensagem que tem sido pregada em muitos púlpitos atuais assemelha-se ao semipelagianismo e não ao arminianismo clássico. O capítulo apresenta ainda a diferença entre as alianças das obras e da graça.

No terceiro capítulo é introduzida a doutrina da eleição incondicional. Explica-se que a controvérsia entre arminianos e calvinistas não é sobre a existência ou não da eleição, mas em que ela estaria baseada. A doutrina calvinista afirma que a eleição está baseada na soberania divina. Embora essa ideia tenha sido defendida por alguns dos pais da igreja, especialmente por Agostinho, ela foi sendo gradativamente eclipsada ao longo da história. Essa foi a razão pela qual recebeu tanta ênfase por parte dos reformadores. Horton afirma que mesmo a queda estava incluída no plano divino, embora por meio de um decreto permissivo e não ativo. A condenação não foi um simples capricho de Deus, mas uma consequência do pecado. Ao tratar sobre a justiça da eleição, ele parte do princípio de que todo o ser humano caído é merecedor da morte eterna e que é maravilhoso o fato de Deus escolher salvar qualquer pessoa. Horton mostra como o calvinismo difere de uma causalidade total, pois por meio da “dupla agência” Deus deseja e age, ao mesmo tempo em que nós também desejamos e agimos.

O quarto capítulo trata da obra de Cristo, sua intenção e escopo. Horton analisa as diferentes teorias a respeito da natureza e dos efeitos da obra de Cristo, mostrando

como muitas delas acabam sendo reducionistas. Depois de analisar as posições divergentes, chega ao posicionamento que considera correto: a morte de Cristo redimiu todos os eleitos. Trata-se da doutrina conhecida como redenção particular ou expiação limitada. Nesse capítulo, o autor dedica algumas páginas para responder objeções normalmente levantadas contra essa doutrina.

O quinto capítulo trata sobre as doutrinas da vocação eficaz e da perseverança dos santos. Horton mostra como a aliança de Abraão se cumpre em Cristo e difere da aliança do Sinai. Horton afirma não ser adequado o uso da expressão “graça irresistível”, mas prefere “vocação eficaz”, pois o termo “irresistível” pode sugerir coerção ou uso de “força”, o que não é exatamente a ideia aqui. Ele faz ainda uma distinção entre “vocação eficaz” e “conversão”: a vocação é a causa da conversão e não o contrário. Antes de finalizar o capítulo, Horton trata sobre o perigo da apostasia. Baseado em diversas passagens bíblicas, afirma que a apostasia não é algo puramente hipotético, mas uma possibilidade real. Contudo, esse não é o caso dos eleitos para a salvação, mas daqueles que se tornaram participantes da igreja visível embora não tenham crido verdadeiramente no Evangelho.

O sexto capítulo aborda aspectos práticos da vida cristã. Horton mostra como a fé reformada rejeita os erros do antinomianismo e do legalismo. A eleição não conduz a uma falta de preocupação com a busca pela santidade, mas é um impulso importante para tal. Aqui, percebe-se também como o calvinismo enfatiza o aspecto comunitário da fé. Há um destaque da importância da ministração dos sacramentos por parte da igreja como “meios de graça”. Horton apresenta ainda a Escritura como princípio regulador para o serviço público e adoração, questionando algumas práticas comuns entre os evangélicos como apelos, orações do pecador, campanhas, celebrações patrióticas, concursos, além de outras práticas que substituem a leitura pública e pregação das Escrituras, orações, ministração dos sacramentos e o cântico congregacional.

O sétimo capítulo trata sobre a relação entre o calvinismo e as missões cristãs. Horton mostra que historicamente os calvinistas estiveram na vanguarda de missões, tendo sido os missionários reformados os primeiros a chegarem ao “Novo Mundo”. Horton faz também uma comparação entre a proporção de missionários da Convenção Batista do Sul dos EUA e da Igreja Presbiteriana na América argumentando que, proporcionalmente, a Igreja Presbiteriana (calvinista) possui três vezes mais missionários no exterior que os batistas. Entretanto, os mesmos dados mostram também que o número total de missionários batistas no estrangeiro é quase dez vezes

maior que o número de missionários presbiterianos. Nesse ponto, Horton ignora as razões pelas quais as igrejas batistas norte-americanas tiveram um crescimento maior que as igrejas presbiterianas.

O oitavo e último capítulo traz uma análise das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do calvinismo. A conclusão indica que a igreja de hoje precisa de uma nova reforma. Como posfácio da obra, Horton compartilha um pouco de sua experiência relatando sobre sua infância como batista e como teve contato com as doutrinas da graça.

No decurso de sua argumentação, o livro é rico em citações bíblicas, além de conter constantes referências às obras de Calvino (especialmente as *Institutas* e seu comentário de *Romanos*), ao Sínodo de Dort e à Confissão de Westminster. Por sua clareza e equilíbrio, trata-se possivelmente de um dos melhores livros disponíveis no Brasil a respeito do tema. Sugere-se que a leitura seja acompanhada da obra *Contra o calvinismo*, de Roger Olson, pois certamente tal exercício permitirá ao leitor analisar os dois lados e seus respectivos argumentos. O leitor também perceberá a existência de elementos da doutrina calvinista que diferem de sua prática denominacional. Como exemplo, pode-se citar as diferentes compreensões quanto ao papel dos sacramentos (ceia e batismo). Mesmo assim, trata-se de uma excelente leitura, recomendada a todos que desejam conhecer com maior profundidade a doutrina calvinista.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional